

O Papa Francisco e o encontro inter-religioso

Pope Francis and interreligious encounter

Peter C. Phan*

Tradução José Martins dos Santos Neto**

Resumo

Desde o início, o ministério petrino do Papa Francisco tem sido cheio de surpresas e ele tem sido um homem de contradições. Ele tem dado esperança a muitos, cristãos, outros crentes e humanistas seculares, especialmente com sua abordagem pastoral da misericórdia, mas também tem encontrado oposição feroz, mesmo entre o escalão superior da hierarquia, alguns dos quais atacaram publicamente sua ortodoxia e pediu sua renúncia. Em seus ensinamentos sobre evangelização, casamento e sexualidade, ecologia e amizade social, Francisco abriu novos caminhos e desafiou a Igreja a tornar visível o rosto misericordioso de Deus para o mundo. Sobre o diálogo inter-religioso, o papa, como era de se esperar, reiterou amplamente os ensinamentos do Vaticano II e até agora não emitiu uma exortação apostólica ou encíclica sobre o assunto. Consistente com sua perspectiva pastoral, ele enfatizou os aspectos sociopolíticos e culturais do diálogo inter-religioso e evitou amplamente questões doutrinárias ainda controversas. Por outro lado, sua amizade com muitos líderes não-cristãos e seus vários *obiter dicta* ampliaram o horizonte inter-religioso e abriram a porta para novas explorações na teologia da religião e o escopo do encontro inter-religioso. Seu reconhecimento explícito das religiões não-cristãs como “canais” do Espírito Santo sugere seu papel como meios de salvação não apenas para seus adeptos, mas também de certo modo para os cristãos. Além disso, os quatro princípios da metafísica franciscana sugerem maneiras novas e eficazes de conduzir o diálogo inter-religioso.

Palavras-chave: Papa Francisco. Encontro inter-religioso. Amizade social. Religiões não cristãs como “vias de salvação”. Quatro princípios metafísicos.

Abstract

From its very beginning, Pope Francis's Petrine ministry has been full of surprises and he has been a man of contradictions. He has given hope to many, Christians, other believers, and secular humanists, especially with his pastoral approach of mercy, but he has also met with fierce opposition, even among the upper echelon of the hierarchy, some of whom have publicly attacked his orthodoxy and called for his resignation. In his teachings on evangelization, marriage and sexuality, ecology, and social friendship, Francis has opened new paths and challenged the Church to make visible the merciful face of God to the world. On interreligious dialogue, the pope, as to be expected, has largely reiterated the teachings of Vatican II and so far has not issued an apostolic exhortation or encyclical on the subject. Consistent with his pastoral outlook he has emphasized the socio-political and cultural aspects of interreligious dialogue and has largely avoided still controverted doctrinal issues. On the other hand, his friendship with many non-Christian leaders and his several *obiter dicta* have enlarged the interreligious horizon and opened the door for further explorations in the theology of religion and the scope of the interreligious encounter. His explicit acknowledgment of non-Christian religions as “channels” of the Holy Spirit hints at their role as ways of salvation not only for their adherents but also in certain ways for Christians. Furthermore, the four principles of Franciscan metaphysics suggest novel and effective ways of conducting interreligious dialogue.

Keywords: Pope Francis. Interreligious encounter. Social friendship. Non-Christian religions as “ways of salvation”. Four metaphysical principles.

Artigo submetido em 16 de dezembro de 2021 e aprovado em 15 de janeiro de 2022.

* Doutor em Teologia pela Università Pontificia Salesiana; doutor em Filosofia pela University of London; doutor em Teologia pela University of London. Professor na Georgetown University. País de origem: Vietnam; EUA. E-mail: peter.c.phan@georgetown.edu.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid. Mestre em Estudos Linguísticos pela Central Michigan University. Professor colaborador do PPGCR PUC Minas. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-4572-120X. E-mail: biotoque1961@gmail.com.

Introdução

Com a eleição de um novo papa surge inevitavelmente, pelo menos entre os católicos, a esperança de que ele trará as mudanças necessárias na Igreja, ou o medo de que ele se desvie da Tradição imutável. Quais são os tipos de mudanças ou medos que se abrigam dependem, é claro, de quem tem esperança ou temor, e do tipo de papa que é eleito. Em 2013, as esperanças e os temores aumentaram com o fato de Jorge Bergoglio ser o primeiro jesuíta e o primeiro sul-americano eleito para o papado. À direita, havia a ansiedade de que ele não pudesse seguir o programa restauracionista de seus dois predecessores, João Paulo II e Bento XVI, e, em vez disso, viesse a promulgar a agenda liberal latino-americana. À esquerda, alguns temiam que ele reagisse negativamente às ideias liberais, como ele alegou ter feito em relação a alguns de seus confrades quando era seu superior provincial. Outros esperavam que Francisco concluísse os negócios inacabados do Vaticano II, incluindo a reforma da Cúria Romana, permitindo o celibato sacerdotal opcional e a ordenação das mulheres, além de liberalizar várias questões de ética sexual. Além disso, se esperava que o novo papa resolvesse problemas urgentes e recentes, como o abuso sexual clerical, o casamento gay, escândalos financeiros do Vaticano, impactos da globalização, mudança climática e destruição ecológica.

1. Um Novo Modo do Ministério Petrino

Como se viu, para surpresa de conservadores e liberais, Bergoglio, que assumiu o Poverello de Assis não apenas como seu nome, mas também como seu modelo, começou seu pontificado abandonando sem ostentação o estilo de vida papal principesco, instituiu mudanças radicais na Cúria Romana, fez muitas visitas apostólicas a lugares distantes, participou colegialmente em vários sínodos de bispos e publicou uma série de documentos inovadores sobre a missão da Igreja (*Evangelii Gaudium*), ecologia (*Laudato Si'* e *Querida Amazônia*), amor na família (*Amoris Laetitia*) e amizade social (*Fratelli Tutti*)¹.

Francisco é um homem em missão e com pressa, talvez pensando que na sua idade não há tempo a perder. Então, a pandemia de coronavírus urgiu,

¹Para biografias informativas sobre Jorge Bergoglio / Francisco, consulte Ivereigh (2014); Ivereigh (2019) e Piqué (2014).

interrompendo sua agenda de reformas de forma brusca. Nesse ínterim, houve entre alguns cardeais uma oposição aberta e orquestrada sem precedentes ao desempenho de Francisco no ministério e ensino petrino, especialmente em questões de sexualidade e família.² Agora que a pandemia Covid-19 está relativamente sob controle na Europa, Francisco provavelmente irá retomar suas atividades frenéticas de renovação da Igreja. Neste ensaio, não irei considerar as questões mencionadas acima, mas apenas uma parte da agenda de Francisco que é muito importante para ele, mas à qual ele não dedicou um documento completo e abrangente. Refiro-me ao diálogo inter-religioso, ou para usar a expressão preferida de Francisco, *encontro* inter-religioso.³

Com a *Nostra Aetate*, a Igreja Católica fez uma reviravolta em sua avaliação de outras religiões. Embora seja o mais curto de todos os 16 documentos conciliares, com apenas 1.141 palavras em 41 frases e 5 parágrafos no latim original, a declaração improvavelmente se tornou a carta magna das relações da Igreja com as religiões não-cristãs.⁴ Claro, não faltou oposição vigorosa às várias iniciativas pós-conciliares e teologias do diálogo inter-religioso, como a condenação de vários escritos teológicos sobre o pluralismo religioso e a declaração *Dominus Iesus* da Congregação para a Doutrina da Fé (2000) como Joseph Ratzinger / Bento XVI mostram prontamente.⁵ Francisco herdou um legado contencioso e ambíguo sobre o diálogo inter-religioso e se comprometeu de forma consistente e firme a promover o entendimento mútuo entre a Igreja Católica e outras religiões. Ao mesmo tempo, o papa evitou sistematicamente questões disputadas na teologia da religião e enfatizou o aprendizado mútuo através da formação de amizade e acompanhamento espiritual com os crentes de outras religiões.

² Os cardeais Walter Brandmüller, Raymond Burke, Carlo Caffarra e Joachim Meisner escreveram ao Papa em setembro de 2016 pedindo-lhe que respondesse a cinco perguntas que dissipariam o que eles chamaram de “incerteza, confusão e desorientação entre muitos dos fiéis” decorrentes do Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, que foi lançada em abril. A quaternidade indicou que se Francisco se recusasse a responder às suas preocupações, eles considerariam emitir uma “correção formal” do papa. Ironicamente, esses hierarcas, se ainda estivessem no poder, teriam excomungado impiedosamente aqueles que se opunham abertamente ao ensino papal.

³ Se o “diálogo inter-religioso” inclui sua modalidade quádrupla, a saber, vida comum, colaboração para o bem comum, intercâmbio teológico e experiência religiosa compartilhada entre pessoas de diferentes credos, então é equivalente a “encontro”. Sobre o modo quádruplo de diálogo inter-religioso, ver Phan (2004, p. 13-31). Neste ensaio, concentro-me no diálogo entre religiões (diálogo intercultural ou diálogo inter-religioso) e não no diálogo entre as Igrejas cristãs (diálogo ecumênico), embora, é claro, ambos estejam intrinsecamente ligados, um impossível sem o outro.

⁴ Para uma avaliação crítica de *Nostra Aetate*, consulte Phan (2015, p. 1-14).

⁵ Os estudos críticos da *Dominus Iesus* são numerosos. Para uma avaliação justa e abrangente desta declaração, ver Pope (2002).

Até agora, a maioria dos estudos sobre o Papa Francisco lida com os temas tratados em seus vários escritos mencionados acima, especialmente evangelização, ética sexual e ecologia. Ainda há uma escassez de investigações acadêmicas de suas atividades e pensamento sobre o diálogo inter-religioso.⁶ Francisco aborda o diálogo inter-religioso principalmente como pastor e teólogo prático e não como teólogo sistemático, como Bento XVI, que se preocupou principalmente em expor as questões doutrinárias e teológicas implicadas no diálogo entre o cristianismo e as religiões não-cristãs. Aqui, não vou discutir por completo as atividades de Francisco no diálogo inter-religioso, especialmente seus muitos encontros com os líderes de outras religiões. Em vez disso, usarei suas declarações mais genéricas e, *obiter dicta*, para criticar a teologia da religião atual e expandi-la de maneiras que podem não encontrar a aprovação de Francisco.

2. A Abordagem Social do Papa Francisco para o Diálogo Inter-religioso

Um dos principais refrãos do Papa Francisco é que o diálogo inter-religioso é uma forma indispensável e eficaz de resolver todos os tipos de conflitos (não apenas religiosos), restaurar a paz e a harmonia, construir a justiça social e preservar a integridade ecológica. Já como arcebispo de Buenos Aires, Argentina, Bergoglio manteve um prolongado diálogo com o rabino Abraham Skorka sobre vários e diversos temas de interesse imediato para os argentinos. Bergoglio deu uma descrição abrangente do que é o diálogo e como deve ser feito:

O diálogo nasce de uma atitude de respeito para com o outro, da convicção de que o outro tem algo de bom a dizer. Supõe que podemos abrir espaço em nosso coração para seus pontos de vista, suas opiniões e suas propostas. O diálogo envolve uma recepção calorosa e não uma condenação preventiva. Para dialogar, é preciso saber abaixar as defesas, abrir as portas de sua casa e oferecer cordialidade. (BERGOGLIO; SKORKA, 2013, p. xiv).

⁶Um amplo estudo em inglês da teologia do diálogo inter-religioso do Papa Francisco é Kasimow; Race (2018). Veja especialmente nesta obra o resumo perspicaz de LEFEBURE (2018, p. 303-328). Outro trabalho muito útil é de Mannion (2017), especialmente o excelente ensaio de John Borelli que prescientemente antecipou a encíclica de Francisco Fratelli Tutti, *The Dialogue of Fraternity: Evangelii Gaudium and the Renewal of Ecumenical and Interreligious Dialogue*, p. 221-243. Um site útil que coleta as declarações do Papa Francisco sobre o diálogo inter-religioso do famoso estudioso do diálogo judaico-cristão Philip Cunningham é <https://ccjr.us/dialogika-resources/documents-and-statements/roman-catholic/francis>.

Para Francisco, então, o respeito profundo pelo outro, a vontade sincera de aprender a partir de diferentes pontos de vista e a hospitalidade amigável são as virtudes necessárias para um diálogo genuíno de qualquer tipo. Um dos temas discutidos pelo rabino e pelo arcebispo é a própria prática do diálogo inter-religioso. Bergoglio conta com orgulho como, em sua posse como Arcebispo de Buenos Aires, em 2009, havia providenciado para que o Presidente do país cumprimentasse todos os representantes de outras religiões, e não apenas as autoridades cristãs. Além disso, durante a cerimônia, representantes de outras religiões, e não apenas católicos, expressaram suas próprias orações. Tais gestos, concorda o rabino, mostram como o diálogo inter-religioso foi importante para Bergoglio, que também mencionou que aceitou os dois convites de Skorka para falar em sua sinagoga e que convidou Skorka para falar aos seus seminaristas (BERGOGLIO; SKORKA, 2013, p. 219-221).

Em seu primeiro escrito como Papa, *Evangelii Gaudium*, Francisco fala do diálogo em três áreas para promover o desenvolvimento humano pleno e o bem comum: diálogo com o Estado; diálogo com a sociedade, incluindo culturas e ciências; e diálogo com cristãos não católicos (diálogo ecumênico) e crentes não cristãos (diálogo inter-religioso) (EG, 238-258). Com relação ao diálogo inter-religioso, o papa primeiro fala das condições para tal diálogo, como “uma atitude de abertura na verdade e no amor” e desta forma os parceiros de diálogo podem “aprender a aceitar os outros e seus diferentes modos de viver, pensar e falar.” (EG, 250). O papa enfatiza imediatamente a dimensão social intrínseca do diálogo inter-religioso: “Podemos então nos unir no cumprimento do dever de servir à justiça e à paz, que deve se tornar um princípio básico de todas as nossas trocas.” (EG, 250). Em seguida, o Papa afirma o vínculo essencial entre diálogo e anúncio: “Evangelificação e diálogo inter-religioso, longe de se oporem, sustentam-se e alimentam-se mutuamente.” (EG, 251). “Um sincretismo fácil” deve ser evitado, e é necessário permanecer “firme em suas mais profundas convicções, claros e alegres na própria identidade.” (EG, 251). Mais tarde, discutirei a visão do Papa Francisco sobre o diálogo com o judaísmo, o islamismo, as tradições religiosas asiáticas e os não-crentes religiosos.

Em *Querida Amazônia*, Francisco defende uma “coexistência ecumênica e inter-religiosa”. Sua insistência na primazia do diálogo cultural e social é explícita: “Em uma região amazônica caracterizada por muitas religiões, nós, crentes, devemos encontrar ocasiões para falar uns com os outros e agir juntos para o bem comum e a promoção dos pobres.” (QA, 106). O Papa acrescenta que este diálogo sociocultural não esconde nem dilui as convicções teológicas da fé cristã que formam a identidade cristã; em vez disso,

se acreditamos que o Espírito Santo pode trabalhar em meio às diferenças, então tentaremos nos deixar enriquecer por esse *insight*, enquanto o abraçamos a partir do âmago de nossas próprias convicções e de nossa própria identidade. (QA, 106).

Em sua última encíclica, *Fratelli Tutti*, Francisco chega mais perto de formular sua teologia do diálogo inter-religioso (FT, 271-285). Consistente com seu tema de fraternidade e amizade social, que o papa diz ter sido uma preocupação sua (FT, 5), Francisco diz que pretende seguir os passos e a abordagem de seu homônimo: “Francisco não travou uma guerra de palavras para impor doutrinas; ele simplesmente espalhou o amor de Deus.” (FT, 4). Ele prossegue recordando seu encontro com o Grande Imam Ahmad Al-Tayyeb, com quem assinou o “Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum”, em Abu Dhabi, em 4 de fevereiro de 2019. Claramente, o diálogo inter-religioso é encarado por Francisco como uma forma de alcançar um objetivo pragmático, ou seja, a paz mundial, ou para colocá-lo em sua expressão característica, “fraternidade humana”. É mais notável que em ambos os documentos, *Evangelii Gaudium* e *Fratelli Tutti*, Francisco coloca o diálogo inter-religioso no contexto do diálogo *social*, cujo objetivo é, diz o Papa, citando a Conferência dos Bispos Católicos da Índia, “estabelecer amizade, paz e harmonia, e compartilhar valores e experiências espirituais e morais em um espírito de verdade e amor.” (FT, 271).

3. Encontro Sociocultural vs. Diálogo Teológico

Essa abordagem predominantemente sociocultural para o diálogo inter-religioso traduz tanto os pontos fortes quanto os fracos de Francisco. Por um lado, aproveita as energias de todas as religiões para alcançar objetivos concretos e tangíveis, não apenas a eliminação da violência religiosa, que é uma necessidade

urgente de nosso tempo de indiferença religiosa e fundamentalismo. Reúne crentes de diferentes religiões ou mesmo não crentes que podem nem mesmo se unir para trabalhar pelo bem comum devido a diferenças doutrinárias. Também tira o diálogo inter-religioso do círculo restrito de especialistas religiosos e envolve todo cidadão comum, independentemente de sua posição na Igreja, realização acadêmica e tradição eclesial. Essa abordagem tem se mostrado muito eficaz na resolução de conflitos de todos os tipos, enfrentando os desafios da destruição material por desastres naturais e melhorando o padrão de vida das comunidades, especialmente nos países asiáticos. É algo que pode ser medido empiricamente e avaliado com critérios objetivos. Finalmente, esta vida comum compartilhada e colaboração para o bem comum podem, embora nem sempre, dar origem a um intercâmbio teológico e a uma partilha espiritual.

Por outro lado, apesar de seus efeitos práticos, esse modo de diálogo inter-religioso muitas vezes, para fins estratégicos, tende a evitar o diálogo doutrinário e não examina e altera as afirmações teológicas que alimentaram a suspeita, o ódio e a violência em primeiro lugar. Entre essas afirmações estão, por exemplo,

- a) a singularidade e universalidade de Jesus como salvador;
- b) a verdade e superioridade do Cristianismo sobre todas as outras religiões;
- c) a origem divina da revelação cristã, livros sagrados e rituais em contraste com o caráter supostamente puramente humano dos de outras religiões;
- d) a obrigação missionária de “proclamar” o Evangelho a todos,
- e) a necessidade de converter outros crentes e incrédulos ao Cristianismo, e mais especificamente, à Igreja Católica, que sozinha e com exclusividade possui todos os meios de salvação.

É certo que essas reivindicações teológicas *por si mesmas* não levam à violência. No entanto, quando apoiados pelos poderes superiores econômicos, políticos, militares e coloniais dos cristãos, que não eram raros, juntos realizaram uma mistura de combustível para incentivar a opressão e a guerra contra outros crentes e descrentes, como a história tem testemunhado.

Até agora, Francisco não lidou explicitamente com nenhuma dessas reivindicações cristãs. Ele simplesmente repetiu o ensino do Vaticano II sobre a possibilidade de salvação para todos, incluindo não-cristãos e incrédulos,

conforme contido especialmente em *Lumen Gentium*, no. 16, *Ad Gentes*, n. 9 e *Nostra Aetate*. Ele insiste em que “a evangelização e o diálogo inter-religioso, longe de se oporem, sustentam-se e alimentam-se mutuamente” e que no diálogo inter-religioso deve ser evitado um “sincretismo fácil” (EG, 251). Ele insiste que os cristãos “acreditam firmemente em Jesus como o único Redentor do mundo.” (QA, 107). Ele sustenta que no diálogo inter-religioso os cristãos devem manter sua “identidade cristã” (FT, 277). Seu uso contínuo das expressões tradicionais para designar a missão cristã, como “proclamação”, implica que a Igreja tem toda a verdade para ensinar os não-cristãos com autoridade (“proclamar”).

A ênfase do Papa Francisco no diálogo cultural e social entre os crentes não elimina, obviamente, o diálogo *teológico* e *doutrinário*. Em *Evangelii Gaudium*, ele trata do diálogo inter-religioso como parte da missão cristã. Curiosamente, assim como a Comissão para a Relações Religiosa com os Judeus faz parte do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e não do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, Francisco não considera as relações com o Judaísmo como parte do “diálogo inter-religioso”, mas lhes atribui um lugar especial. Claro, a história das relações da Igreja Católica com os judeus e o Estado de Israel tem sido extremamente carregada e recebeu um tratamento muito extenso e deve ser pressuposta em nossa discussão das declarações de Francisco sobre os judeus e o judaísmo. Aqui é suficiente notar que para Francisco “como cristãos, não podemos considerar o judaísmo como uma religião estrangeira, nem incluímos os judeus entre aqueles chamados a abandonar os ídolos e a servir ao Deus verdadeiro” (EG, 247). Ele prossegue observando que

embora seja verdade que certas crenças cristãs são inaceitáveis para o judaísmo, e a Igreja não pode se abster de proclamar Jesus como Senhor e Messias, existe também uma rica complementaridade que nos permite ler os textos das escrituras juntos e para ajudar uns aos outros a garimpar as riquezas da palavra de Deus. Também podemos compartilhar muitas convicções éticas e uma preocupação comum pela justiça e pelo desenvolvimento dos povos. (EG, 249).⁷

Embora não haja nada questionável ou inovador na declaração de Francisco sobre as relações entre o Cristianismo e o Judaísmo, é lamentável que sua insistência no dever da Igreja de proclamar aos judeus “Jesus como Senhor e

⁷ É curioso que durante a viagem à Terra Santa o Papa Francisco convidou seus dois amigos de Buenos Aires para acompanhá-lo: Rabino Abraham Skorka e Sheik Omar Abboud.

Messias" não tenha levado em conta a vasta e contenciosa literatura sobre a missão cristã em relação aos judeus.⁸ Recentemente, em uma série de reflexões sobre a Carta dos Gálatas nos discursos de quarta-feira de 23 de junho e depois, Francisco disse que “a Lei não dá vida”. O comentário ambíguo do papa alarmou o Rabinato-Chefe de Israel, que temia que isso pudesse endossar “o ensino do desprezo” e implicar em um formalismo supersessionismo já rejeitado pelo Vaticano II. Pediu ao cardeal Kurth Koch, presidente da Comissão do Vaticano para Relações Religiosas com os Judeus, que transmitisse sua angústia ao Papa Francisco e lhe pedisse que assegurasse que quaisquer conclusões derogatórias sobre a Lei Mosaica e o Judaísmo que possam ser retirados de sua homilia são categoricamente repudiados. A atitude geral do Papa Francisco e declarações anteriores sobre os judeus e o judaísmo certamente não implicam de forma alguma supersessionismo de sua parte. Em resposta, o papa esclareceu mais tarde, durante a audiência geral em 29 de setembro de 2021:

Não devemos concluir que a Lei mosaica, para Paulo, tenha perdido seu valor; ao contrário, permanece um dom irrevogável de Deus. Permanece “santa”, escreve o Apóstolo (Rm 7,12). Mesmo para nossa vida espiritual, obedecer aos mandamentos é essencial. Mas mesmo aqui, não podemos contar com o nosso esforço: a graça de Deus que recebemos em Cristo é fundamental. Essa graça vem sendo a justificação dada a nós por Cristo que já pagou por nós. Dele recebemos aquele amor gratuito que nos permite, por sua vez, amar de formas concretas. (FRANCIS, 2021).

Este infeliz incidente mostra que nas contínuas relações tensas entre cristãos e judeus, especialmente após o Holocausto, deve-se tomar extremo cuidado para evitar sugerir em palavras e atos qualquer ideia de supersessionismo.⁹

Sobre o Islã, Francisco nota o fenômeno recente da presença significativa de muçulmanos em países tradicionalmente cristãos e destaca a maior necessidade de diálogo entre cristãos e muçulmanos. Ele destaca as semelhanças doutrinárias entre as duas religiões, especialmente o monoteísmo, a herança

⁸ Em relação à missão para com os judeus, existem atualmente três posições possíveis: primeiro, a missão cristã de converter os judeus é necessária porque a salvação está disponível em Cristo e somente em sua Igreja (por exemplo, cristãos conservadores, cristãos evangélicos, cristãos hebreus, judeus por Jesus, e judeus messiânicos); segundo, a missão cristã para todos é necessária, mas sem visar os judeus (muitos teólogos católicos pós-Vaticano II); e terceiro, não há missão de conversão para os judeus, mas apenas um testemunho ético conjunto de fé em um mundo ainda não redimido (uma minoria de teólogos como o cardeal Walter Kasper, John Pawlikovski e os signatários do documento *A Sacred Obligation: Rethinking Christian Faith in Relation to Judaism and the Jewish People* (2002)).

⁹ Sobre como os judeus veem o Papa Francisco, ver Kessler (2018) e Young-Somers (2018).

abraâmica, a profunda veneração de Jesus e Maria e muitas outras práticas piedosas. Mas a preocupação do papa com os aspectos socioculturais do diálogo inter-religioso também transparece aqui, especialmente em seu apelo para que o afeto e o respeito sejam estendidos aos migrantes muçulmanos (EG, 253). Por outro lado, Francisco pede e "humildemente implora" que os países de maioria islâmica concedam aos cristãos "liberdade de culto e de praticar a sua fé, à luz da liberdade de que gozam os seguidores do Islão nos países ocidentais." (EG, 253).

Foi feita menção ao encontro de Francisco no início de 2019 com o Grande Imam de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyeb e sua publicação comum do "Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum". Dois anos depois, em março de 2021, em sua primeira viagem internacional desde o início da pandemia de COVID-19, o Papa Francisco aceitou o convite do Aiatolá Ali al-Sistani, uma autoridade xiita altamente reverenciada, para visitá-lo em seus humildes aposentos em Najaf, Iraque. De acordo com os escritórios do Aiatolá, "sua extensa conversa girou em torno dos grandes desafios que a humanidade enfrenta, o papel da fé no Deus Todo-Poderoso, as mensagens de Deus e os elevados valores morais necessários para viver de acordo com eles."¹⁰

Finalmente, com relação a outras religiões não-cristãs, como religiões primitivas, hinduísmo e budismo, o papa reitera a afirmação da *Lumen Gentium*, n. 16 de que os não cristãos, quando vivem fielmente de acordo com suas consciências, podem viver "justificados pela graça de Deus" e assim ser "associados ao mistério pascal de Jesus Cristo" (EG, 254). As implicações de sua declaração de que essas religiões podem ser "canais" pelos quais o Espírito Santo trabalha para a salvação de seus adeptos serão elaboradas abaixo. Francisco também reconhece que os cristãos devem aprender com as "várias formas de sabedoria prática" de crentes não-cristãos, suas testemunhas de fé através do sofrimento e sua luta para viver em paz e harmonia, porque os cristãos podem "se beneficiar desses tesouros construídos sobre muitos séculos, o que pode nos ajudar a viver melhor nossas próprias crenças" (EG, 254).¹¹

¹⁰ Sobre as reações muçulmanas ao Papa Francisco, ver Hoti (2018).

¹¹ Sobre a resposta Hindu ao Papa Francisco ver Long (2018) e Rambachan (2018). Sobre a resposta Sikh, ver Singh (2018) e Kaur Singh (2018). Sobre a resposta Budista, ver Hirota (2018) e Fredericks (2016).

4. Novas aberturas na teologia das religiões e encontro inter-religioso?

Apesar de suas afirmações até agora bastante convencionais sobre religiões não-cristãs, algumas das declarações de Francisco parecem abrir a porta, embora ligeiramente, para revisar e modificar os ensinamentos atuais da Igreja Católica nas cinco questões listadas acima. Subjacente a essas cinco questões está a questão de saber se as religiões não-cristãs são "meios de salvação", não apenas *de facto*, mas *de jure*, isto é, pela vontade e desígnio de Deus. Em outras palavras, se os não-cristãos são salvos e a possibilidade de sua salvação é afirmada pelo Vaticano II e pelo Papa Francisco, eles não são salvos *a despeito ou por causa de* sua fé nos ensinamentos de seus fundadores religiosos e pela prática fiel o que eles recomendam? Claro, a salvação só vem de Deus e não de qualquer religião, incluindo o Cristianismo. As religiões funcionam apenas como "caminhos e meios", como "sinais e instrumentos" ou, na terminologia teológica, como "sacramentos", isto é, os sinais eficazes em e por meio dos quais a graça salvadora de Deus opera na história. Colocando de forma mais abstrata, as religiões não são a causa eficiente, mas apenas a causa instrumental da salvação.

Sobre o poder salvífico das religiões não cristãs, Francisco reconhece explicitamente que a obra de Deus nos não cristãos “tende a produzir sinais e ritos, expressões sagradas que, por sua vez, conduzem os outros a uma experiência comunitária de caminhar para Deus” (EG, 254). Em outras palavras, é Deus, e não os humanos, que estabelece o que chamamos de “religiões” não-cristãs, é claro, por meio de fundadores humanos (ou, no caso do hinduísmo, por meio de seus textos sagrados). Portanto, as religiões não-cristãs, apesar de suas deficiências doutrinárias e morais, assim como o Cristianismo, com suas próprias deficiências doutrinárias e morais, têm suas origens e estão na economia divina da salvação.

Francisco chega a chamar as religiões não cristãs de "canais que o Espírito Santo suscita para libertar os não cristãos do imanentismo ateu ou das experiências religiosas puramente individuais", embora "careçam do significado e da eficácia dos sacramentos instituídos por Cristo." (EG, 254). “Canais” usados pelo Espírito Santo podem ser considerados os equivalentes teológicos de

“sacramentos”. Mesmo se, como o papa se apressa a acrescentar, eles “carecem do significado e da eficácia dos sacramentos instituídos por Cristo”, este julgamento se aplica apenas ao seu status objetivo, isto é, sua validade (*ex opere operato*), e não ao seu caráter subjetivo de efeitos sobre os fiéis não cristãos, ou seja, sua eficácia (*ex opere operantis*). A propósito, é importante notar que este julgamento avaliativo das religiões não-cristãs e a reivindicação da superioridade do Cristianismo são feitas sob a perspectiva dos critérios cristãos de “religião verdadeira” (*vera religio*), que não são os critérios adequados para esse propósito, assim como seria inapropriado usar, por exemplo, os critérios budistas de “religião verdadeira” para julgar o Cristianismo e declarar que ele é objetivamente deficiente. Da mesma forma, embora os cristãos afirmem ter à sua disposição os sacramentos em sua plenitude, eles não podem e, na verdade, muitas vezes não se beneficiam de sua eficácia total devido à sua condição espiritual deficiente e recepção imperfeita.

Além disso, Francisco reconhece explicitamente que o diálogo inter-religioso pode ser “um processo no qual, pela *escuta mútua*, ambas as partes [cristã e não-cristã] podem ser purificadas e enriquecidas” (EG, 250, grifo nosso). O papa enfaticamente observa que os cristãos podem se beneficiar dos ensinamentos e práticas de outras religiões para serem melhores cristãos (EG, 254). Desse modo, a missão cristã não deve ser entendida como uma atividade unidirecional dos cristãos para com os não cristãos (*missio ad gentes*), mas uma “evangelização” recíproca entre os outros fiéis (*missio inter gentes*) e com eles (*missio cum gentibus*).¹² À luz disso, o uso continuado de Francisco da linguagem de “proclamação”, embora tradicional para se referir à missão cristã, é um tanto infeliz, pois conota uma declaração autoritária do orador superior a uma audiência submissa em vez de uma escuta mútua humilde e sincera, que deveria caracterizar, segundo o Papa, o diálogo entre cristãos e não cristãos, que se purificam e se enriquecem mutuamente.¹³

Quanto à conversão, o Papa Francisco diz que no diálogo fraternal, entre irmãos e irmãs, “com minha identidade e minha empatia, minha abertura,

¹² Para uma elaboração completa desses três modos de missão, ver Phan (2017, p. 129-164).

¹³ Em EG, Francisco usa *camino*, termo espanhol para caminho, 53 vezes, uma indicação de que para Francisco acompanhamento, caminhar juntos e lutar um com o outro é a forma de dialogar.

caminho com o outro. Eu não tento fazer com que ele venha até mim. Eu não faço proselitismo.” (KASIMOW; RACE, 2018, p. 34). Ele reconhece que “Deus moverá corações e alguém pedirá o batismo, às vezes não. Mas sempre vamos caminhar juntos. Este é o coração do diálogo.” (FRANCIS, 2014).

Embora não seja totalmente fervorosa e sistematicamente elaborada, a resposta afirmativa do Papa Francisco à questão sobre a eficácia salvífica *de iure* das religiões não-cristãs abre a porta para revisitar as questões da singularidade e universalidade de Jesus como salvador, a verdade e superioridade do Cristianismo sobre todas as outras religiões, a origem divina da revelação cristã, livros sagrados e rituais em contraste com o alegado caráter puramente humano das outras religiões, a obrigação missionária de "proclamar" o Evangelho a todos e a necessidade de converter crentes não-cristãos e não crentes para o Cristianismo e, mais especificamente, para a Igreja Católica, que sozinha e exclusivamente tem todos os meios de salvação.

Com relação à singularidade e universalidade de Jesus Cristo como salvador, por exemplo, a alegação de que as religiões não-cristãs possuem eficácia salvífica qualificará a força dessa crença cristológica. Isto não nega o que os cristãos acreditam sobre Jesus como salvador, mas inclui a crença de que outras religiões e fundadores religiosos desempenham um papel na salvação de pelo menos seus seguidores. Além disso, se for verdade, como afirma o Papa, que os cristãos podem se beneficiar dos ensinamentos e práticas de outras religiões para serem melhores cristãos (EG, 254), seguir-se-ia que o impacto salvífico das religiões não-cristãs e de seus fundadores não se limita a seus adeptos, mas se estende aos cristãos também.

Para acalmar o medo de que a afirmação de singularidade e universalidade de Jesus como salvador seja enfraquecida ou diluída, podemos citar a declaração do Papa Francisco sobre a formulação e o crescimento:

Dentro da Igreja, inúmeros temas estão sendo estudados e refletidos com grande liberdade. Diferentes correntes de pensamento na filosofia, teologia e prática pastoral, se abertas a serem reconciliadas pelo Espírito no respeito e no amor, podem fazer a Igreja crescer, pois todas ajudam a expressar mais claramente as imensas riquezas da palavra de Deus. Para aqueles que anseiam por um corpo monolítico de doutrinas guardado por todos e não deixando espaço para nuances, isso pode

parecer indesejável e levar à confusão. Mas, de fato, essa variedade serve para evidenciar e desenvolver diferentes facetas das riquezas inesgotáveis do Evangelho. (EG, 40).

Na nota de rodapé desta citação (nota 44), Francisco invoca Santo Tomás para defender a necessidade de multiplicidade e variedade nas expressões doutrinárias. A nota conclui: “temos a necessidade de ouvir-nos uns aos outros e *complementar-nos* na nossa recepção parcial da realidade e do Evangelho.” (EG, nota 44, grifo nosso).

Desse modo, a reivindicação da unicidade e universalidade de Jesus como salvador, a doutrina da Igreja como meio necessário e único de salvação e o axioma de que não há salvação fora da Igreja (*extra ecclesiam nulla salus*) devem ser qualificados e reinterpretado à luz da afirmação implícita de Francisco do papel salvífico das religiões não-cristãs e vice-versa. Da mesma forma, os ensinamentos tradicionais sobre a superioridade do cristianismo, a conversão como meta da missão cristã e o papel do “anúncio” na evangelização exigem uma nova reformulação que leve em conta os fatos concretos produzidos pelo encontro inter-religioso. Para ser fecundo, o diálogo inter-religioso deve ser realizado no espírito do que Francisco chama de “amizade social”. Ele exorta fortemente que criemos “uma aliança social”:

Tal aliança também exige a compreensão de que algumas coisas podem ter que ser renunciadas para o bem comum. Ninguém pode possuir toda a verdade ou satisfazer todos os seus desejos, pois essa pretensão levaria a anular os outros ao negar seus direitos. (FT, 111).

A amizade social e o pacto social no diálogo inter-religioso levam os participantes a rejeitar as conotações arrogantes e até colonialistas que se apegaram a doutrinas de qualquer tradição religiosa quando foram formuladas no contexto de controvérsias e até mesmo de conflitos violentos. Ao fazer isso, todas as religiões são desafiadas a perceber que “algumas coisas podem ser renunciadas para o bem comum”, como observou o Papa Francisco. O que essas coisas são não pode ser determinado a priori, aparte da aliança social e da amizade social que acompanha o diálogo inter-religioso. Nem devem ser negados completamente. Eles serão apenas “renunciados”, isto é, mantidos dentro de uma tradição religiosa, e reformulados se necessário, mas não impostos a outros para evitar a anulação dos direitos de outros de afirmar os seus. Essa abordagem foi

recomendada para o diálogo ecumênico. Por exemplo, foi sugerido que os dogmas Católicos que foram promulgados no segundo milênio não precisavam ser aceitos pelas Igrejas não católicas para a restauração da unidade.¹⁴ Não se pode dizer o mesmo que “algumas coisas podem ser renunciadas para o bem comum” no diálogo inter-religioso?

5. Base filosófica para encontro ecumênico

Sobre o pluralismo religioso, uma das imagens favoritas de Francisco para o diálogo inter-religioso e para a “cultura do encontro” é o poliedro, “cujas diferentes faces formam uma unidade variada em que o todo é maior do que a parte” e a soma das partes (FT, 215).¹⁵ Em sua discussão sobre “o bem comum e a paz na sociedade”, Francisco propõe quatro princípios que ele afirma derivar da doutrina social da Igreja e que “podem guiar o desenvolvimento da vida em sociedade e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro uma busca compartilhada” (EG, 221). Francisco os enumera da seguinte maneira: “O tempo é maior que o espaço”; “A unidade prevalece sobre o conflito”; “As realidades são mais importantes do que as ideias”; e “O todo é maior do que a parte”. Esses quatro princípios filosóficos formam a base do que pode ser denominado, de forma um tanto pomposa, “metafísica francisciana”.¹⁶ Embora Francisco os aplica à construção de uma sociedade harmoniosa, é útil examinar suas implicações para o encontro inter-religioso.

5.1. O tempo é maior que o espaço

“Tempo” e “espaço” representam, na metafísica francisciana, “plenitude” e “limitação”, respectivamente. O tempo como plenitude é “uma expressão do horizonte que se abre constantemente diante de nós, enquanto cada momento

¹⁴ Esses dogmas incluem o primado papal, a infalibilidade papal e os dogmas marianos da Imaculada Conceição e Assunção. Este ponto foi sugerido pelo então Cardeal Ratzinger. Ver seu texto em Ratzinger (2011). Esta recomendação foi feita na Declaração de Acordo da Comissão Internacional Anglicana-Católica Romana II, Maria: Graça e Esperança em Cristo Diálogo Católico Romano-Anglicano (2005). Consultar: <http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/en/dialoghi/sezione-occidentale/comunione-anglicana/dialogo/arcic-ii/en.html>.

¹⁵ A imagem do “polyhedron” foi usada pelo Cardinal Walter Kasper (2015), e também foi utilizada pelo então Cardeal Jorge Mário Bergoglio (2010).

¹⁶ Eu cunhei a palavra “francisciano” (*franciscian*, no original em inglês) para me referir ao que pertence propriamente ao Papa Francisco e não ao comum, mas, neste caso, enganoso “franciscano”. Devo confessar que, na primeira leitura da exposição de Francisco desses quatro princípios, achei-os um tanto estranhos e deslocados em um documento predominantemente pastoral. O que se segue é uma tentativa de argumentar que eles contêm implicações práticas para o diálogo inter-religioso.

individual tem a ver com a limitação como uma expressão de fechamento”, isto é, espaço (EG, 222). As pessoas vivem entre “cada momento individual e o horizonte maior e mais brilhante do futuro utópico como causa final que nos atrai para si” (EG, 222). Francisco extrai as implicações práticas para a ação social:

Este princípio nos permite trabalhar devagar, mas com segurança, sem ficar obcecados com resultados imediatos.... Dar prioridade ao tempo significa preocupar-se em *iniciar processos em vez de possuir espaços*. O tempo governa os espaços, os ilumina e os enlaça em uma cadeia em constante expansão, sem possibilidade de retorno.... O que precisamos, então, é priorizar ações que gerem novos processos na sociedade e envolvam outras pessoas e grupos que possam desenvolvê-los a ponto de darem frutos em acontecimentos históricos significativos. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenacidade (EG, 223).

Um jesuíta com vasta experiência nos *Exercícios Espirituais*, Francisco pode ter derivado essa percepção básica do conceito inaciano de “sempre mais” (*semper magis*), sendo que o “mais” é o horizonte que convida a novas ações e dá sentido aos resultados das ações alcançadas. Em última análise, o horizonte, na fé cristã, não é outro senão Deus, para cuja honra todas as coisas existem e todas as ações são realizadas (*ad maiorem Dei gloriam*). O “mais” não é idêntico a “o melhor, o mais e o maior”, mas é, como diz Francisco, “a causa final que nos atrai para si”.

Esse movimento para o “mais” pode ser comparado às noções de Karl Rahner de “*excessus*” e “*Vorgrieff*”, por meio das quais os humanos, ao conhecer e amar, alcançam o Horizonte da Verdade e da Bondade (“conhecimento transcendental”), mas nunca o apreendem como objeto de pensamento e amor (“conhecimento categórico”). À medida que avançamos em direção ao horizonte, ele sempre recua, escapando ao nosso alcance, precisamente porque é o horizonte. A única maneira de alcançarmos o horizonte é vir até nós e graciosamente doar-se a nós, permanecendo o cada vez maior, o *Magis*.¹⁷

No diálogo inter-religioso, a mesma dinâmica se aplica. Em reuniões inter-religiosas entre pessoas de diferentes credos, tanto pessoas comuns quanto

¹⁷ Para a exposição de Rahner deste conceito de *Vorgrieff*, veja sua obra *Spirit in the World* (1968), e para uma explicação concisa, consulte seu livro *Foundations of Christian Faith: An Introduction to the Idea of Christianity* (1978). Ou para uma breve explicação do conhecimento categórico e transcendental, ver Peter C. Phan, *Eternity in Time: A Study of Karl Rahner's Eschatology* (1988).

especialistas em teologia, um projeto sócio-político e econômico específico para colaboração é planejado, ou uma doutrina particular é colocada em discussão. No final, o projeto pode ou não ser executado, ou a doutrina pode ou não gerar consenso. Mas o sucesso e o fracasso não devem encerrar o processo de diálogo, que deve ser iniciado repetidamente, uma vez que “o tempo”, a plenitude da unidade, ao invés de “espaço”, um projeto ou acordo particular, é o objetivo do diálogo. Além disso, a plena unidade religiosa, como o horizonte, nunca cai ao nosso alcance, presos como estamos em nossas próprias tradições religiosas. Se e quando for finalmente realizado, será experimentado como um presente, como o horizonte sempre recuado que graciosamente se doa sobre nós à medida que avançamos em direção à unidade religiosa. Por isso, das quatro modalidades de diálogo – vida comum, colaboração prática, intercâmbio teológico e experiência espiritual compartilhada – a última é a mais importante, e também a mais desafiadora, pois nela podemos ter um vislumbre, e apenas um vislumbre, do horizonte que Karl Rahner chama de “Santo Mistério” e experimenta sua presença plena de graça.

Durante a oração de terça pela unidade dos cristãos na Basílica de São Paulo Fora dos Muros em 25 de janeiro de 2015, o Papa Francisco diz:

Essas tantas controvérsias entre os cristãos podem ser superadas quando deixarmos de lado todas as abordagens polêmicas ou apologéticas, e procurarmos, em vez disso, apreender mais plenamente o que nos une, ou seja, nosso chamado a resgatar o mistério do amor do Pai que nos é revelado pelo Filho pelo Espírito Santo. A unidade cristã - estamos convencidos - não será fruto de sutis discussões teóricas em que cada parte tenta convencer a outra da justeza de suas opiniões. Quando o Filho do Homem vier, ele nos encontrará ainda conversando! Precisamos perceber que, para sondar as profundezas do mistério de Deus, precisamos uns dos outros, precisamos nos encontrar e nos desafiar sob a direção do Espírito Santo, que harmoniza as diversidades, supera os conflitos, reconcilia as diferenças. (FRANCIS, 2015).¹⁸

O que o Papa diz sobre a unidade ecumênica deve ser aplicado, *mutatis mutandis*, ao diálogo inter-religioso.

¹⁸ A Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, assinada por luteranos e católicos em 1999, chama este consenso de “um consenso diferenciado”. Esta expressão é posteriormente preferida pelos ecumenistas porque enfatiza as realidades contínuas das respectivas comunidades.

5.2. A unidade prevalece sobre o conflito

Francisco reconhece que os conflitos não podem ser ignorados, mas devem ser enfrentados. No entanto, afirma que em meio aos conflitos não devemos perder de vista “a profunda unidade da realidade” (EG, 226). Ele ressalta que existem três maneiras de lidar com os conflitos: ignorando-os com total indiferença, rendendo-se a eles por medo e falta de coragem, tornando-se assim seus prisioneiros, ou estando disposto “a enfrentar [o] conflito de frente, para resolvê-lo e torná-lo um elo na cadeia de um novo processo” (EG, 227).

A terceira via, que Francisco apoia, é possibilitada pelo princípio de que a unidade prevalece sobre o conflito. O papa encontra sua justificativa no fato de que “Cristo fez todas as coisas uma em si mesmo: céu e terra, Deus e homem, tempo e eternidade, carne e espírito, pessoa e sociedade.” (EG, 229). Esta unidade, centrada em Cristo, energizada pelo Espírito Santo, e expressa e realizada nos sacramentos, como afirma o Decreto do Vaticano II sobre o Ecumenismo, é a base para a unidade de todas as Igrejas Cristãs, embora estejam divididas (UR, 2). Francisco sugere que a diversidade não deve levar ao conflito: “Diversidade é uma coisa bonita quando pode entrar constantemente em um processo de reconciliação e selar uma espécie de aliança cultural resultando em uma “diversidade reconciliada” (EG, 230). “Diversidade reconciliada”, e não o retorno dos hereges e cismáticos à única Igreja verdadeira, nem uma aceitação completa da uniformidade por todas as Igrejas é o objetivo do ecumenismo porque a diversidade reconciliada acolhe a diversidade como um dom divino e reconcilia os parceiros conflitantes quando necessário com base na unidade fundamental que pode ser rompida, mas não pode ser destruída.

Embora o Papa Francisco use este princípio para promover a paz no mundo e restaurar a unidade ecumênica entre as Igrejas Cristãs divididas, ele pode e deve ser estendido ao diálogo inter-religioso. Apesar de suas diferenças religiosas, os crentes de diferentes religiões estão profundamente unidos entre si. A Declaração do Vaticano II sobre a Relação da Igreja com as Religiões Não Cristãs afirma que, apesar de seus conflitos, que às vezes foram violentos e mortais, os crentes de todas as religiões estão intrinsecamente unidos uns com os outros porque “a humanidade forma apenas uma comunidade” (NA, 1),

enraizados como estão na sua origem comum e no seu destino comum. Assim como no diálogo ecumênico, a unidade ontológica de todos os cristãos em Cristo prevalece sobre os conflitos históricos entre as Igrejas, também no diálogo inter-religioso prevalece a unidade intrínseca de todos os seres humanos sobre seus conflitos religiosos. É precisamente a consciência coletiva dessa unidade da raça humana anterior a todas as diferenças religiosas que, em última análise, reúne as partes em disputa na busca de soluções para seus conflitos.

Além disso, à luz dessa unidade pré-existente, as reivindicações de singularidade, universalidade, superioridade e exclusividade, que não apenas o Cristianismo, mas muitas, se não todas as religiões fazem para si mesmas, perdem muito de sua franqueza retórica. Essas reivindicações muitas vezes têm sido obstáculos intransponíveis para o diálogo inter-religioso genuíno e, às vezes, fontes de conflito e violência, especialmente quando são feitas por uma religião dominante com a concomitante intenção supersessionista de substituir e abolir as outras e não raramente trabalhando em conjunto com o poder secular. Essas reivindicações não estão entre as coisas que podem ser “renunciadas para o bem comum”, reivindicações que se tornam redundantes pelo princípio de que “a unidade prevalece sobre o conflito”? Se o propósito do diálogo inter-religioso é recuperar e fomentar a unidade original que une todos os crentes e descrentes, não deveriam ser abandonadas as reivindicações que se mostraram divisórias e prejudiciais para as relações inter-religiosas no passado, ainda mais porque sua renúncia não apenas não reduz a verdade e o valor das religiões que os criaram, mas também os torna mais aceitáveis para os outros por causa da atitude de humildade e honestidade subjacente à sua renúncia?

É também importante que essa unidade não anule a pluralidade e as diferenças. No "Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum" mencionado acima, o Papa Francisco e o Grande Iman de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyeb afirmam: “O pluralismo e a diversidade de religiões, raça, sexo, raça e língua são desejados por Deus em sua sabedoria, através da qual ele criou os seres humanos. Essa sabedoria divina é a fonte da qual o direito à liberdade de crença e a liberdade de ser diferente.” (FRANCIS, 2019). A parte desta declaração que conservadores como o Cardeal

Gerhard Muller, ex-Prefeito da Congregação para a Doutrina para a Fé, consideram a mais questionável, até mesmo herética, é a afirmação do Papa Francisco de que o pluralismo e a diversidade das religiões "são queridos por Deus em sua sabedoria". (WESTEN; HICKSON, 2019).¹⁹ Esta declaração valida minha sugestão anterior de que, para Francisco, as religiões não-cristãs podem ser consideradas como "caminhos de salvação", a unidade do desígnio salvífico de Deus prevalecendo sobre o "conflito" do pluralismo religioso.

5.3. Realidades são mais importantes do que ideias

Francisco afirma sucintamente a diferença entre realidade e ideia: “As realidades simplesmente existem, enquanto as ideias são elaboradas” (EG, 231). Por causa do princípio franciscano de que as realidades são maiores do que as ideias, é necessário rejeitar os vários meios de mascarar as realidades: “formas angelicais de pureza, ditaduras do relativismo, retórica vazia, objetivos mais ideais do que reais, marcas de fundamentalismo a-histórico, sistemas éticos destituído de gentileza, discurso intelectual destituído de sabedoria” (EG, 231). Certamente, Francisco não desvaloriza as ideias, que estão, diz ele, “a serviço da comunicação, da compreensão e das práxis” (EG, 213). No entanto, as ideias correm o risco de se desvincular da realidade, como no nominalismo e no idealismo, úteis apenas para classificar e definir as coisas, mas incapazes de induzir as pessoas a agir.

Que este princípio franciscano seja especialmente necessário em nosso tempo é óbvio para qualquer pessoa que tenha seguido a política recente dos Estados Unidos, em que "fatos alternativos" e "notícias falsas" estavam na ordem do dia. É claro que as realidades não se apresentam aos nossos olhos como são; pelo contrário, requerem uma mente que esteja aberta à verdade e não dada a teorias da conspiração, e uma interpretação crítica de acordo com normas objetivas bem estabelecidas para determinar se as ideias são baseadas em fatos ou invenções fantasiosas. A epistemologia franciscana não é realismo ingênuo, segundo o qual saber é, como diz Bernard Lonergan, apenas olhar, mas realismo crítico, que exige do conhecedor a quádrupla tarefa de investigação do dado

¹⁹Outro hierarca de direita, o arcebispo Carlo Viganò, condena esta declaração como uma “flagrante heresia” e uma “terrível blasfêmia”.

(experenciado), seu significado (compreensão), sua verdade (juízo) e seu valor (avaliação) (LONERGAN, 1972, p. 6-13). O último ato indica a necessidade de traduzir as ideias em ações, sobre as quais Francisco insiste explicitamente:

Este princípio nos impele a pôr em prática a palavra, a realizar obras de justiça e de caridade que a tornem fecunda. Não colocar a palavra em prática, não a tornar realidade, é construir na areia, permanecer no reino das ideias puras e terminar num egocentrismo e gnosticismo sem vida e infrutíferos. (EG, 233).

Novamente, este terceiro princípio pode e deve ser estendido ao diálogo inter-religioso, especialmente em seu modo de intercâmbio teológico. Nesse tipo de diálogo, não raramente acontece que um interlocutor insista no uso de um conceito ou mesmo de uma palavra de sua tradição religiosa para expressar corretamente as realidades sagradas que estão em discussão. Desnecessário dizer que essa abordagem confunde realidade com ideia, ou pior, palavra. Novamente, é importante notar que Francisco não nega a necessidade de ideias; afinal, ele usa ideias para nos transmitir o que pensa sobre certas coisas. Para ser preciso, o terceiro princípio franciscano diz apenas que as realidades são mais importantes do que as ideias (e as palavras). Para simplificar, devemos evitar perder a floresta (realidades) por causa das árvores (ideias).

Além disso, a forma mais produtiva de conhecer realidades religiosas e divinas tratadas no diálogo inter-religioso não é por meio de ideias. Entre os teólogos contemporâneos que insistem eloquentemente que o divino deve ser abordado por meio da mística estão Karl Rahner (1904-1984) e Raimon Panikkar (1918-2010). Encontramos Rahner acima, quando falamos de seu conceito do Absoluto e do Santo Mistério como o horizonte transcendental de nosso pensamento e amor. Aqui, é útil lembrar sua célebre frase de que os cristãos do futuro devem ser místicos, se quiserem ser cristãos. Panikkar argumenta que, para alcançar um conhecimento holístico da realidade, não apenas as abordagens sócio-históricas e filosóficas são necessárias; para além dessa, é preciso, sobretudo, uma abordagem “*sofiânica*”. Por “*sofiânica*” Panikkar quer dizer “sabedoria”, e não apenas conhecimento científico e filosófico. Por essa abordagem *sofiânica* ele quer dizer “uma experiência que transforma nossas vidas e nos incorpora ao destino do universo [...] uma intuição capaz de nos orientar na vida, mesmo que por enquanto, por estarmos no tempo.”

(PANIKKAR, 2010, p. 21).²⁰ Claramente, o terceiro princípio franciscano se enquadra na mesma estrutura epistemológica de Rahner e Panikkar para o diálogo inter-religioso.

5.4. O todo é maior do que a parte

Francisco dá uma formulação mais completa deste quarto princípio: “O todo é maior do que a parte, mas também é maior do que a soma das partes” (EG, 235). A primeira parte do princípio é evidente se “todo” e “parte” forem considerados elementos quantitativos ou matemáticos. A segunda parte é derivada da *Metafísica de Aristóteles*, Livro VIII (ARISTÓTELES, 1984, 1045a.8-10), onde ele diz que “no caso de todas as coisas que têm várias partes e nas quais o todo não é, por assim dizer, um mero ajuntamento, mas a totalidade é algo além das partes, há uma causa de unidade.”²¹

Curiosamente, o Papa Francisco não aplica este princípio, que é operativo nas teorias do sistema e da Gestalt, à eclesiologia, na qual a Igreja é mais do que uma coleção de Igrejas locais ou cristãos individuais, uma “mera pilha” ou ao debate sobre a prioridade da Igreja universal ou das Igrejas locais.²² Em vez disso, ele se aplica à tensão entre globalização e localização. Para ele, “precisamos estar atentos ao global para evitar a estreiteza e a banalidade. Mas também precisamos olhar para o local, que mantém os pés no chão.” (EG, 234). A globalização amplia constantemente nossos horizontes e nos ajuda a alcançar o bem maior que beneficia a todos. A localização afunda as nossas raízes no solo fértil e na história do nosso lugar de origem: “Podemos trabalhar em pequena escala, na nossa vizinhança, mas com uma perspectiva mais ampla” (EG, 235).

O Papa Francisco conclui suas reflexões sobre a relação entre o todo e as partes destacando dois modelos: a esfera e o poliedro. A esfera, diz ele, não é maior do que suas partes, onde todos os pontos são equidistantes do centro e não

²⁰ Para um comentário sobre Panikkar, ver Phan; Young-Chan Ro (2018).

²¹ Observe que Aristóteles não usa a palavra “soma”, mas “além disso”, o que é melhor porque não evoca uma fórmula matemática. A razão pela qual Aristóteles insiste que há um todo além de suas partes é para defender a possibilidade de definir uma coisa. Embora não seja possível definir as partes, é possível definir uma coisa porque uma coisa é um todo que é “mais do que” / “além” da soma das partes.

²² Esse debate foi notoriamente travado pelo então cardeal Joseph Ratzinger e pelo cardeal Walter Kasper, o primeiro deles um defensor da prioridade da Igreja universal, o segundo, da Igreja local. Para ambos, entretanto, a Igreja não é a soma das Igrejas locais ou dos cristãos individuais. Ver Kasper (2001).

têm diferenças entre eles; é, portanto, um modelo inadequado de ação social. Em contrapartida, o poliedro, que “reflete a convergência de todas as partes, cada uma das quais conserva o seu caráter distintivo” (EG, 236) é o símbolo adequado da universalidade e da localidade da Boa Nova:

O Evangelho tem um princípio intrínseco da totalidade: sempre será uma boa nova até que seja proclamada a todas as pessoas, até que cure e fortaleça todos os aspectos da humanidade, até que reúna todos os homens e mulheres à mesa no reino de Deus. O todo é maior do que a parte. (EG, 237).

Este princípio franciscano também se aplica ao diálogo inter-religioso. O objetivo do encontro não é estabelecer uma religião nova e global na qual todas as religiões sejam absorvidas, todas as suas especificidades locais e particulares niveladas e apagadas. Pelo contrário, todas as diferenças religiosas que não ponham em causa a unidade do homem, tanto na sua origem como no seu destino, devem ser preservadas e promovidas para que possam enriquecer o nosso património religioso. Como o Papa Francisco corretamente insiste, os participantes do diálogo inter-religioso devem estar profundamente enraizados em suas identidades religiosas e não devem ocultá-los ou abandoná-los para forjar uma religião genérica. Da mesma forma, deve ser lembrado que a identidade religiosa não é estática e permanece inalterada ao longo da vida de uma pessoa. Um dos efeitos do encontro inter-religioso é a transformação espiritual pessoal, e às vezes provoca uma mudança na filiação religiosa (“conversão”) ou pertença religiosa múltipla.²³ As religiões, especialmente as religiões universais, sempre cruzaram o globo e foram transformadas pelo encontro com outras religiões e, no processo, tomaram emprestadas suas doutrinas, livros sagrados, rituais, práticas espirituais e estruturas organizacionais. Elas incorporaram aqueles que não são contraditórios a elas e às vezes se desenvolveram em diferentes “denominações” ou tradições e, ainda assim, permanecem reconhecidamente as mesmas. Mas mesmo as chamadas tradições religiosas “menores” não estão mais restritas aos seus lugares de origem; migração, globalização, facilidade de viagem e mídia social abriram novos locais para elas se espalharem pelo globo.

²³ Sobre a conversão, ver Phan (2004a, p. 45-61). Sobre a múltipla pertença religiosa, ver Phan (2004b, p. 60-81).

Assim, por exemplo, ao se mudar da Índia para o Sri Lanka, China, Tibete, Japão, Coréia, Tailândia, Camboja e Vietnã, para mencionar apenas alguns países onde é uma presença significativa, o budismo encontrou tradições religiosas locais e desenvolveu novos “budismos”, escolas ou seitas, mas permanece reconhecidamente “budismo” em seu núcleo básico. A mesma coisa pode ser dita do Cristianismo em suas variadas “Igrejas” ou “denominações”: Católica, Ortodoxa, Anglicana, Protestante, Evangélica, Pentecostal, Independente e assim por diante. O “sincretismo”, como um processo sociológico e antropológico, é o padrão normal da evolução religiosa e não uma aberração. Até certo ponto, todas as religiões praticam o sincretismo; caso contrário, elas não podem sobreviver em novos ambientes. A questão não é se o sincretismo é necessário, mas como ele é feito. A questão é se os elementos de outras religiões que são incorporados à religião de alguém são coerentes ou pelo menos não contraditórios com seus princípios básicos. O desafio é desenvolver critérios para um sincretismo saudável e descrever o processo pelo qual esse tipo de sincretismo é realizado.²⁴

Além disso, em encontros inter-religiosos, não encontramos o budismo ou o cristianismo em geral e em abstrato, mas budistas e cristãos de vários tipos, por assim dizer. Encontramos, para usar a terminologia franciscana, o todo e as partes, tanto a globalização quanto a localização, nunca um sem o outro. O desafio é não ficar atolado ou oprimido por diferenças locais e perder a visão geral do todo e, assim, frustrar os objetivos de compreensão e colaboração inter-religiosa. Da mesma forma, é necessário não se deixar cativar pelas generalidades do todo e perder as ricas variedades e particularidades das formas religiosas locais.

Leo Lefebure resume de forma sucinta e brilhante a abordagem distinta do Papa Francisco para o diálogo inter-religioso:

As iniciativas inter-religiosas do Papa Francisco enfrentam obstáculos e tensões formidáveis. Os conflitos inter-religiosos continuam a grassar, enquanto o apelo por uma ecologia integral ainda não evocou respostas adequadas à crise do tempo presente. No entanto, seus apelos por amizade foram amplamente correspondidos e seus esforços para compreender amplamente apreciados. Ele ganhou a atenção da comunidade mundial em um nível que poucas pessoas podem se aproximar. Em um mundo de crueldade e sofrimento insuportáveis, Francisco não confia principalmente nos esforços humanos, mas

²⁴Sobre o sincretismo religioso, ver Maroney (2006); Stewart; Shaw (1994); Harrison (2014); Gort *et al.* (1989); Leopold; Jensen (2004) e Rheenen (2006).

encontra na misericórdia um ponto de encontro com todas as outras tradições religiosas, bem como com os humanistas seculares. (LEFEBURE, 2018, p. 325).

Conclusão

Desde o início, o ministério petrino do Papa Francisco tem sido cheio de surpresas e ele tem sido um homem de contradições. Ele tem dado esperança a muitos cristãos, outros crentes e humanistas seculares, especialmente com sua abordagem pastoral da misericórdia, mas também encontrou oposição feroz, mesmo entre o escalão superior da hierarquia, alguns dos quais tem atacado publicamente sua ortodoxia e pedido sua renúncia. Em seus ensinamentos sobre evangelização, casamento e sexualidade, ecologia e amizade social, Francisco tem aberto novos caminhos e desafiado a Igreja a tornar visível o rosto misericordioso de Deus para o mundo.

Sobre o diálogo inter-religioso, o papa, como era de se esperar, tem reiterado amplamente os ensinamentos do Vaticano II e até agora não emitiu uma exortação apostólica ou encíclica sobre o assunto. Consistente com sua perspectiva pastoral, ele tem enfatizado os aspectos sociopolíticos e culturais do diálogo inter-religioso e evitado amplamente questões doutrinárias ainda controversas, como a singularidade e universalidade de Jesus como salvador; a verdade e superioridade do Cristianismo sobre todas as outras religiões; a origem divina da revelação cristã, livros sagrados e rituais em contraste com o caráter supostamente puramente humano dos fiéis de outras religiões; a obrigação missionária de “anunciar” o Evangelho a todos; e a necessidade de converter outros crentes e incrédulos ao Cristianismo, e mais especificamente, à Igreja Católica, que sozinha e exclusivamente possui todos os meios de salvação.

Por outro lado, sua amizade com muitos líderes não-cristãos e seus vários *obiter dicta* tem ampliado o horizonte inter-religioso, aberto a porta para novas explorações na teologia da religião e expandido o escopo do encontro inter-religioso. Seu reconhecimento explícito das religiões não-cristãs como “canais” do Espírito Santo sugere seu papel como meio de salvação não apenas para seus adeptos, mas também de certas maneiras para os cristãos. Além disso, os quatro princípios da metafísica franciscana sugerem maneiras novas e eficazes de conduzir o diálogo inter-religioso. De qualquer forma, os teólogos sob seu

pontificado podem escrever sobre o pluralismo religioso sem ter que olhar com superioridade, como fizeram em regimes anteriores, mas ao invés disso, são pioneiros com alegria em novos caminhos para serem religiosos inter-religiosamente.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **The Complete Works of Aristotle**: The Revised Oxford Translation. V. 2. Ed. Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- BERGOGLIO, Jorge Mário. Conferencia del Sr. Arzobispo en la XIII Jornada Arquidiocesana de Pastoral Social. Nosotros como ciudadanos, Nosotros como pueblo. Hacia um Bicenténario en Justicia y Solidaridad, 2010-2016. Buenos Aires, 2010. Disponível em: <http://www.arzbaire.org.ar/inicio/homiliasbergoglio.html>. Acesso em: 19/10/2021.
- BERGOGLIO, Jorge Mario; SKORKA, Abraham. **On Heaven and Earth**. Trans. Alejandro Bermudez and Howard Goodman. New York: Image, 2013.
- CONCÍLIO VATICANO II. Decree on Ecumenism Unitatis Redintegratio. 21 November 1964. Available at: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Accessed 14 January 2022.
- CONCÍLIO VATICANO II. Declaration on the relation of the Church to non-christian religions Nostra Aetate. 28 October 1965. Available at: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_en.html. Accessed 14 January 2022.
- FRANCIS, Pope. Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium of the Holy Father Francis. 2013. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Accessed 14 December 2021.
- FRANCIS, Pope. Apostolic Journey of his Holiness Pope Francis to the Republic of Korea on the occasion of the 6th Asian Youth Day. 13-18 August 2014. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2014/august/documents/papa-francesco_20140817_corea-vescovi-asia.html. Accessed 14 December 2021.
- FRANCIS, Pope. Celebration of Vespers on the Solemnity of the conversion of Saint Paul, the Apostle. Homily of his Holiness Pope Francis. 25 January 2015. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150125_vespri-conversione-san-paolo.html. Access 14 December 2021.
- FRANCIS, Pope. A Document on Human Fraternity for World Peace and Living Together. February 2019. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Accessed 14 January 2022.

FRANCIS, Pope. Post-Synodal Apostolic Exhortation Querida Amazonia of the Holy Father Francis. 2020a. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Accessed 14 December 2021.

FRANCIS, Pope. Encyclical Letter Fratelli Tutti of the Holy Father Francis on Fraternity and Social Friendship. 2020b. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Accessed 14 December 2021.

FRANCIS, Pope. General Audience. 29 September 2021. Available at: https://www.vatican.va/content/francesco/en/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210929_udienza-generale.html. Accessed 14 December 2021.

GORT Jerald D. *et al.* (ed.). **Dialogue and Syncretism: An Interdisciplinary Approach**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.

HARRISON, William H. **In Praise of Mixed Religion: The Syncretism Solution in a Multifaith World**. Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 2014.

HIROTA, Dennis. Toward Dialogue with Pope Francis: A Japanese Buddhist Perspective. *In*: KASIMOW; RACE (org.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 259-277.

HOTI, Amineh A. Pope Francis's Compassion. *In*: KASIMOW; RACE (orgs.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 145-168

IVEREIGH, Austen. **The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope**. Nova York: Henry Holt, 2014.

IVEREIGH, Austen. **Wounded Shepherd: Pope Francis and His Struggle to Covert the Catholic Church**. Nova York: Henry Holt, 2019.

KASIMOW; RACE (eds.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

KASPER, Walter. On the Church. **America**, v. 184, n. 14, 23 de abril de 2001.

KASPER, Walter. **Vatican II: Toward a Multifaceted Reality, Origins**, v. 45, n. 9, p. 153-160, 2015.

KESSLER, Edward. 'The Church Also Is Enriched When She Receives the Values of Judaism': Shared Faith Responses to Pope Francis and Interreligious Dialogue. *In*: KASIMOW; RACE (org.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 85-100.

LEFEBURE, Leo. Be Friends and Help the World: The Contributions of Pope Francis to Interreligious and Secular Relations *In*: KASIMOW, H.; RACE, A. (ed.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue**. Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives. Nova York: Palgrave Macmillan, 2018.

LEOPOLD, Anita Maria; JENSER, Jeppe Sinding (ed.). **Syncretism in Religion: A Reader**. Nova York: Routledge, 2004.

LONERGAN, Bernard. **Method in Theology**. New York: Herder and Herder, 1972.

LONG, Jeffrey D. **Cautious Hope: Hindu Reflections on Pope Francis**. In: KASIMOW; RACE, 2018. p. 183-197.

MANNION, Gerard (ed.). **Pope Francis and the Future of Catholicism: Evangelii Gaudium and the Papal Agenda**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

MARONEY, Eric. **Religious Syncretism**. Londres: SMC Press, 2006.

PANIKKAR, Raimon. **The Rhythm of Being: The Unbroken Trinity**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2010.

PIQUÉ, Elisabetta. **Pope Francis: Life and Revolution**. Chicago: Loyola press, 2014.

PHAN, Peter C. **Our Own Tongues: Perspectives from Asia on Mission and Inculturation**. Maryknoll, N.Y.: Orbis Books, 2004a.

PHAN, Peter C. **Being Religious Interreligiously: Asian Perspectives on Interreligious Dialogue**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2004b.

PHAN, Peter C. **Eternity in Time: A Study of Karl Rahner's Eschatology**. Selinsgrove, PA: Susquehanna University Press, 1988. p. 44-55.

PHAN, Peter C.; YOUNG-CHAN RO (ed.) **Raimon Panikkar: A Companion to his Life and Thought**. Cambridge: James Clarke, 2018.

PHAN, Peter C. Reading Nostra Aetate in Reverse: A different way of looking at the relations among religions. **Studies in Christian-Jewish Relations**, v. 10, n. 2, p. 1-14, 2015.

PHAN, Peter C. **The Joy of Religious Pluralism: A Personal Journey**. Maryknoll, N.Y: Orbis Books, 2017. p. 129-164.

POPE, Stephen; HEFLING, Charles (ed.). **Sic et Non: Encountering Dominus Iesus**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002.

RANBACHAN, Anantanand Rambachan. Do We Have a Religious Need for Each Other's? Pope Francis and Interreligious Dialogue. In: KASIMOW; RACE (org.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 199-218.

RAHNER. **Spirit in the World**. Nova York: Herder, 1968.

RAHNER. **Foundations of Christian Faith: An Introduction to the Idea of Christianity**. Nova York: The Seabury Press, 1978. p. 26-39.

RATZINGER. **Church, Ecumenism, and Politics: New Endeavors in Ecclesiology**. San Francisco: Ignatius Press, 2011. p. 83-87.

RHEENEN, Gailyn Van (ed.). **Contextualization and Syncretism: Navigating Cultural Currents**. Pasadena, CA: William Carey Library, 2006.

SIDDIQUI, Atallah Siddiqui. Pope Francis, Islam, and Dialogue. *In*: KASIMOW; RACE (orgs.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 169-182.

SINGH, Dharam. A Sikh in Dialogue with Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium. *In*: KASIMOW; RACE (org.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 219-233.

SINGH, Nikky-Guninder Kaur. Let's Get Off Our Cell Phone and Hear a Sikh Maxim from Pope Francis. *In*: KASIMOW; RACE (org.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 235-257.

STEWART, Charles; SHAW, Rosalind (ed.). **Syncretism / Anti-Syncretism: The Politics of Religious Synthesis**. Nova York: Routledge, 1994.

WESTEN, John-Henry; HICKSON, Maïke. Cardinal Müller issues Manifesto: **A quasi correction of Pope Francis' pontificate**. Catholic Citizens OF Illinois. 08 February 2019. Available at: <https://catholiccitizens.org/news/83530/cardinal-muller-issues-manifesto-a-quasi-correction-of-pope-francis-pontificate/>. Accessed 14 December 2021.

YOUNG-SOMERS, Debbie. On Donkey Drivers, Interreligious Dialogue, and Shared Tasks: A Jewish Response to Pope Francis on Interreligious Relations and Collaboration. *In*: KASIMOW; RACE (org.). **Pope Francis and Interreligious Dialogue: Religious Thinkers Engage with Recent Papal Initiatives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 101-111.